

O PANGARÉ, O VIRA-LATAS E O BURRICO

Prof. Dr. Rauer Ribeiro Rodriguesⁱ (UFMS)

Resumo:

Do anacronismo de ainda se valer dos conceitos oitocentistas de fonte e influência no âmbito da Literatura Comparada contemporânea, este artigo constata haver, no Brasil, ao lado do Complexo de Vira-Latas descrito por Nelson Rodrigues, um Sentimento de Pangaré que nos faz nos sentirmos derrotados antes mesmo de empreendermos. Daí emerge o Pré-Juízo de Burrico. No âmbito da Teoria Literária e dos estudos literários, por exemplo, a proposição de Oswald de Andrade da Antropofagia antecede a teoria da intertextualidade, tendo maior riqueza e abrindo mais possibilidades do que a proposta de Kristeva derivada de Bakhtin. Do mesmo modo, cremos que os autores brasileiros ombreiam aos da literatura universal, e que a literatura brasileira está à altura de qualquer outra literatura nacional. Mas temos sido Burricos, pois damos ao que nos inspira primazia de centro e fonte, não nos vendo jamais como os produtores originais que de fato somos.

Palavras-chave: Antropofagia, Intertextualidade, Literatura Brasileira, Literatura Comparada, Teoria da Literatura

Nosso “vira-latismo” está no tratamento diferenciado dado a uma obra publicada no estrangeiro e escrita em inglês quanto à outra semelhante, que antes tinha saído em português.

Luiz Costa Lima

Adivinhe como se chama o balcão de Informações do Shopping Eldorado. Dado ao complexo de Vira-lata e de Pangaré que assola e inunda o país, é lógico que no letreiro não está escrito Informações. É CONCIERGE!!!

Paulo Mayr

Diante das proposições teóricas incorporadas pelo comparativismo, ao longo do século XX, no âmbito da estética literária, falar hoje a partir dos conceitos de fonte e de influência, que surgiram junto com a disciplina, no século XIX, é não só um anacronismo como um equívoco. Tanto que, de fato, os dois termos estão em franco desuso, embora ainda longe das merecidas aposentadorias. No entanto, muito do que se faz a título de literatura comparada, quanto a operacionalizar a interpretação de textos ficcionais ou poéticos, mantêm a dicotomia como um substrato, evitando-se o contato visual com os cadáveres, mas deles sentido as emanções putrefatas. A metáfora olfativa talvez seja injusta com os dois conceitos, de funda importância na constituição do comparativismo. Talvez seja mesmo impossível de evitar que se pague, a cada passo, tributo às origens do procedimento comparativista. Ou talvez o odor se deva mais a certo uso que hoje se tem feito da arquitetura teórico-metodológica depurada em quase dois séculos de atividades no âmbito da literatura comparada, uso que se vale do comparativismo como cacoete culturalista, como muleta argumentativa ou ainda como pseudo-justificativa para diversionismos, eventualmente — se não quase sempre — masturbatórios.

Seja como for, há ainda o vezo imposto pela aguerrida competitividade que permeia as relações sociais e interpessoais no Brasil, que transita e mescla de aspectos pré-cabralinos a pós-industriais, competitividade que, no âmbito acadêmico, é institucionalmente fomentada pelo produtivismo caolho imposto para o trabalho de pesquisa em área de lenta maturação como a dos estudos literários. Esse vezo divide o universo em dois mundos — os bons e os maus, os decentes e os indecentes, os incorruptíveis e os corruptos, os gênios e o restolho, os que são fonte e os

copiadores. Tal concepção vigente não decorre tão só das imposições estatais, antes vem dos fundamentos basilares da civilização ocidental, biblicamente opondo os puros e tementes àqueles decaídos no pecado.

No âmbito da diacronia histórica, a visão que o brasileiro tem de si mesmo termina por pagar o preço da dicotomia apontada, fazendo com que nos vejamos sempre como o pangaré ou o vira-latas. No complexo de vira-latas, cuja proposição inicial foi de Nelson Rodrigues ([1958] 1993, p. 61-63) em decorrência da derrota futebolística no Maracanã, na Copa de 1950, sentimo-nos vicejando nos restos do grande banquete universal: somos despossuídos de qualquer bem ou valor e perambulamos sarnentos, desprezíveis, magros, famélicos, catando o que quer que sobre, procurando com o que nos alimentar como moscas varejeiras. No âmbito do sentimento de pangaré, uma variação às vezes tomada como sinônimo do complexo de vira-latas, exercitamos — nós, os brasileiros — toda a nossa profunda incapacidade de competirmos, de crescermos, de superarmos nossas deficiências estruturais, de nos realizarmos no concerto universal das nações, de sermos alguém mais que papagaios ventríloquos dos verdadeiros gênios da raça.ⁱⁱ

Entre o vira-latas e o pangaré, ao olharmos o quintal vizinho, sempre o percebemos mais verde, mais florido, mais guarnecido dos manjares da existência, os quais nunca vamos fruir.

Desse conúbio histórico nos resta o perene julgamento de que a literatura brasileira é ramo menor de galho secundário no jardim das musas, o que, aliás, é desdobramento óbvio da pequenez de nossos estudos filosóficos, da incúria de nossos governantes, da insuficiência dos fundamentos de nossas pesquisas, da ausência de um pensamento nacional autônomo, da falta de proposições teórico-metodológicas aclimatadas à realidade desses trópicos sul-americanos. Fadados estamos, pois, ao Pré-Juízo de Burrico, pois nos sentimos burricos de carga a carrear para os centros hegemônicos não só riquezas materiais, mas também nossa alma, corações, lágrimas e sangue, além de nossa inteligência.

— Não, no âmbito da criação literária, eu não concordo com essa visão.

Vislumbro, ao longo de nossa história, motivos para nos avaliarmos de forma diversa. Vejo, em muitos momentos de nossa literatura, a emersão de inventores e a produção de mestresⁱⁱⁱ que configuram um sistema literário frondoso, capaz de ombrear com qualquer outro, seja considerando nossos exíguos quinhentos anos de labor em língua portuguesa, seja mesmo não condicionando o juízo a tal circunstância. Claro, há de se evitar, neste ensaio, que tal comparativismo ao revés nos iguale na empáfia e utopia romântica de nacionalismos, se não xenófobos, que se arrogam superiores: não é o que se pretende, não é o que se fará.

Em ensaio de 1982, Leyla Perrone-Moisés discorre sobre “Literatura comparada, intertexto e antropofagia” (PERRONE-MOISÉS, [1982] 2006, p. 91-99). A partir da visão clássica inicial da disciplina, cristalizadas nas formulações de Wellek e Warren na sua *Teoria da literatura* [1948] e no didatismo de Pichois e Rousseau em *A literatura comparada* [1967], Perrone-Moisés mostra de que modo as propostas teóricas de Bakhtin, Kristeva, Tiniánov e Borges modificam pressupostos e objetivos da literatura comparada em sua formulação original, linear e causalista, na qual se insere a descrição das fontes e das influências no âmbito da tradição canônica dos estudos literários. Para Perrone-Moisés, o dialogismo bakhtiniano [1929], a intertextualidade proposta por Kristeva [1969], a noção de convergência de Tiniánov [1927] e o renovado conceito de tradição proposto por Borges (1999, p. 96-98) em “Kafka e seus precursores” [1951], “subvertem totalmente as próprias bases da literatura comparada tal como ela está institucionalizada” (PERRONE-MOISÉS, [1982] 2006, p. 93) desde o século XIX.

A esse conjunto referencial que redefine as possibilidades, os fundamentos e os objetivos da literatura comparada, junta-se “a sugestão, mais do que teoria, do nosso Oswald de Andrade (a Antropofagia cultural)” (PERRONE-MOISÉS, [1982] 2006, p. 92-93), com sua “abertura e receptividade para o alheio, desembocando na devoração e na absorção da alteridade [em] uma

devoração crítica” (PERRONE-MOISÉS, [1982] 2006, p. 95).

Ainda que, com acerto, considere as proposições de Oswald aquém de um corpo coeso e metodologicamente organizado, Perrone-Moisés anota: “A Antropofagia oswaldiana é um projeto filosófico e cultural de vasto alcance embora não sistemático, um projeto constituído mais de sugestões sibilinas e contundentes do que um discurso propriamente teórico. Nessas sugestões, as questões literárias, embora predominantes, não são exclusivas.” (PERRONE-MOISÉS, [1982] 2006, p. 96).

Tal proposição “nos permite [...] acabar com todo complexo de inferioridade por ter vindo depois [em relação aos colonizadores]”, possibilitando ainda “resolver os problemas de má consciência patriótica que nos levam a oscilar entre a admiração beata da cultura europeia e as reivindicações estreitas e xenófobas” (PERRONE-MOISÉS, [1982] 2006, p. 98); por isso, “[s]ó a Antropofagia nos salva desses enganos e dessa má consciência, por assumir alegremente a escolha e a transformação do velho em novo, do alheio em próprio, do *déjà vu* em original. Por reconhecer que a originalidade nunca é mais do que uma questão de arranjo novo.” (PERRONE-MOISÉS, [1982] 2006, p. 98-99).

Vejamos, em detalhe, a proposta de Oswald de Andrade.

Oswald publicou, em 18 de março de 1924, nas páginas do jornal *Correio da Manhã*, o “Manifesto da Poesia Pau-Brasil”. Trata-se da primeira poética que, tendendo já para os aforismos, o escritor lançaria. Contém indícios da proposta antropofágica, mas paga tributo ao futurismo e a outras vanguardas europeias. Propõe miscelânea entre o novo e a tradição, entre o importado e o nativo, entre o bárbaro e o civilizado. No caldeirão da diversidade cultural, defende que tudo seja “digerido” e que o processo criativo se dê “[s]em ontologia”. Então, em maio de 1928, lança a *Revista da Antropofagia* com o “Manifesto Antropófago”, no qual amplia a proposta de devorar e digerir criticamente a modernidade europeia para, a partir dos caracteres da nacionalidade brasileira, criar uma arte nacional. O ponto de partida indicia que o âmbito de alcance da proposta vai além do estético: “Só a ANTROPOFAGIA nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente.”

Essa antropofagia calca-se em episódios da recepção histórica dos autóctones à chegada dos europeus às terras que se tornariam o Brasil. A devoração ritual foi primeiramente descrita por Hans Staden ([1557] 2008), causando pasmo e condicionando a visão dos colonizadores quanto aos costumes dos nativos.^{iv} Marca o ritual as demonstrações de coragem e virilidade dos prisioneiros que serão sacrificados (STADEN, [1557] 2008, capítulos 36 e 43, da primeira parte, e 29, da segunda parte), ainda que em meio a vilipêndios. O procedimento heróico do prisioneiro diante da morte foi glorificado por Gonçalves Dias em “I-Juca Pirama” e na “Canção do Tamoio”. A crença que embasa o costume é de que a força e as virtudes do guerreiro devorado são incorporadas por aquele que come da carne. A metáfora da hóstia e do vinho como corpo de Deus na missa do cristianismo católico encontra contrapartida de plena corporeidade nas terras americanas, sendo menos perdão e promessa de salvação e mais certeza de crescimento de qualidades como nobreza, coragem, destemor, e de recursos físicos como a força, a concentração, a resiliência.

Oswald amplia o termo, pois vê nele implicações filosóficas, sociais e econômicas. Percebe ainda que o caráter antropofágico é o elemento único que “une” os sujeitos em ação no conflagrado espaço das relações interpessoais. O “Manifesto” fixa a brasilidade no caráter indígena das raízes nacionais (“tupi or not tupi”), defende uma “realidade sem complexos” que supere utopicamente “a realidade social, vestida e opressora, cadastrada por Freud”, propõe — com a expressão “A alegria é a prova dos nove” — que o riso crítico esteja acima de outras expressões, e que o deglutir valores seja a alternativa ao epigonismo, à cópia, ao servilismo cultural e literário. Desse modo, rompe com a noção de cópia, com a idéia de que há fonte originária e derivações devedoras. O caderno de débito e crédito, nas relações que muito posteriormente Kristeva nomeia de intertextualidade, ultrapassa a noção oitocentista do centro irradiador e da periferia que, diluidora, consome

acriticamente. Em Oswald já estava o que Kristeva nomeia a partir de inspiração que lhe veio de Bakhtin.

Em 1928, portanto, com o “Manifesto Antropófago”, Oswald de Andrade antecipa a noção de intertextualidade, e o faz em um quadro lógico no qual, mais que textos, os discursos e as demais representações simbólicas, assim como o próprio logos, se inserem em movimento contínuo de retomada, deglutição de qualidades e valores, descarte e excreção do inaproveitável, para a plena consecução do novo na arte, na filosofia, na vida. O novo estabelece e propõe obra vital, cuja amplitude articula e ressignifica o passado, deglutindo o que já existia, obras e pensamentos, realizando superação-manutenção do logos e de feitos estéticos predecessores. Essa emergência do novo, como pensamento, como postura social, como obra literária, é movimento dialético representado pela metáfora da digestão.

É por isso que Leyla Perrone-Moisés afirma que

o futuro da literatura não se decidirá pela simples linha sucessória, mas por essa interação sincrônica que faz com que a literatura seja mais um espaço de escritura-leitura do que uma sequência simples de fontes puras e influências degradadas. (PERRONE-MOISÉS, [1982] 2006, p. 99).

A proposta da Antropofagia nos liberta, pois, de referencial estranho aos trópicos, e é anterior ou concomitante às primeiras formulações teóricas que desaguiariam no conceito de intertextualidade. Sendo proposição mais genérica, filosófica, aforismática, que corpo elaborado de definições que possibilitem operacionalização de análise literária, nos caberia — no âmbito da proposição original de Oswald — desenvolver tal *modus operandi*. Não o fizemos. Aliás, deixar de se valer de feitos precedentes parece ser uma característica brasileira, sendo possível elencar lista imensa de inventos, descobertas e criações atribuídos a outras nacionalidades em detrimento da primazia que nos deveria caber.

Fixemo-nos, no entanto, no âmbito do literário.

Já no período das letras luso-brasileiras registramos entre os grandes artífices das letras nomes cuja identidade se nos afigura como mais do lado oeste do atlântico do que do lado leste, ou seja, mais para a Terra de Santa Cruz do que para as águas do Tejo ou os ares portugalenses. É o caso de Vieira, gênio sem paralelo, que chegou ao Brasil na primeira infância e só voltou à Europa, para atividades esporádicas, após os trinta anos. É homem brasileiro, tendo aqui realizado sua obra, obra essa que é a mais significativa de seu tempo no âmbito das letras de língua portuguesa, e entre as maiores, de qualquer tempo, em qualquer língua.

Se, no entanto, considerarmos que devemos avaliar como brasileiro somente o que se produziu após o sete de setembro de 1822,^v o século XIX nos legou ao menos três nomes exponenciais como inventores: Souzaândrade, José Joaquim de Campos Leão, que assina sua obra como Qorpo Santo, e Machado de Assis, sendo Machado simultaneamente inventor e mestre.

Qorpo Santo (1829-1883), em especial nos textos teatrais, escritos nos anos de 1860, antecipa as vanguardas do início do século XX e mesmo o teatro do absurdo, que vigeu entre o final dos anos 1940 e os de 1960. E, ainda, realiza passagens com fluxo de consciência antes do francês Edouard Dujardin — em *Os loureiros estão cortados*, lançado em 1888 — experimentar a técnica. Onde havia muito que glorificar, o Brasil preferiu alcinhar como loucura.

Souzaândrade (1832-1902) propugnou uma estética avançada para o seu tempo e realizou obra poética revolucionária e antecipadora. Seu *Guesa errante*, publicado nos anos de 1870, é — em termos brasileiros — modernista *avant la lettre*. Especialmente, com a criação neológica, a visão de mundo e a construção poética, é antecipadora de recursos expressivos que só seriam disseminados nas literaturas ocidentais no século XX.

De Machado de Assis (1839-1908) nada direi aqui, posto que sua estatura realizadora e

antecipadora parece já bastante festejada, embora ainda não — a meu ver — pelos mérito maior de sua obra ficcional, de pensador e de esteta, glória que cabe antes ao contista que ao romancista.

Do século XX, cuja proximidade ainda obscurece a perspectiva, lembro apenas o episódio paradigmático do canadense Yann Martel que, ao ler romance de Moacyr Scliar, tomou a sinopse do enredo como sua e escreveu romance pelo qual recebeu prestigiado prêmio literário. Em sua defesa, Martel disse que pensou que com tal *plot* faria obra muito melhor. Pura antropofagia, não é? Só que agora em sentido contrário, do centro para a periferia, o que descentra a noção de centro.^{vi}

Anoto aqui alguns nomes, da última centúria, tão só a título de principiar o debate: Drummond é poeta cuja complexidade, realização estética e reflexão sobre o mundo certamente o faz figurar junto aos maiores poetas do século, e seu reconhecimento está aquém do merecido; Guimarães Rosa,louvadíssimo, talvez seja caso inverso, com glória maior que os feitos, e digo isso não por viés anti-regionalista, mas por ver no bruxo de Cordisburgo uma visão idealizada do homem incompatível com o século XX; Murilo Rubião é autor cuja obra, antecipatória do fantástico e do mágico que fez a fortuna da literatura latino-americana na segunda metade do novecentos, nunca é reconhecida em todo o seu mérito e importância; e, por fim, Luiz Vilela, contista que fecha ciclo iniciado por Machado, e o faz com fatura estética que alcança intenções que a literatura realista modernista, seja nos antigos centros seja no espaço multipolar que agora se pretende ver, sempre se propôs e diante das quais sempre ficou aquém do pretendido.

Em sua *História da literatura brasileira – da Carta de Caminha aos contemporâneos* (na “Apresentação” da edição ampliada lançada em 2011), Carlos Nejar anota:

[...] Sim, no Concerto das Nações, este País se move, é uma força incontrolável, e nenhum interesse, seja de quem for, haverá de sufocá-lo. Muito menos sua literatura, entre as mais significativas deste tempo, por havermos criado uma forma de ser, numa língua que se fez livre para os que a utilizam, seja em Portugal, no Brasil, na África, onde é falada. Língua de todos, por isso, universal. E, assim, merece ser mais reconhecida. Porque a alma também se move. Como se move o livro de um espírito no tempo, ou o espírito de um livro que se entretetece e avulta ao longo desta História. (NEJAR, 2011, p. 28).

Temos, pois, o vira-latas como o complexo daquele que não se sente capaz de suportar qualquer comparação com o outro; temos o pangaré, como aquele que não se sente capaz de vencer nenhuma competição. Certa agulha, de Machado de Assis, se lamentava de ter aberto caminho na vida para muita linha ordinária. O que o episódio de Scliar nos mostra, e a reflexão de Nejar complementa, é que temos sido burricos: damos ao que nos inspira primazia de centro, de fonte, e não nos vemos jamais como os produtores originais que de fato temos sido, e não só pelos poucos exemplos que elenquei.

Se bem que, para terminar com um auto-chiste que — imagino — faria gosto ao Oswald de Andrade iconoclasta e antropófago, saber se o ovo ou a galinha veio antes é o de menos importância, desde que tenhamos tanto o ovo quanto a galinha, melhor ainda se em uma canja mineira que nos aqueça nesse tempo curitibano que esfria.^{vii}

Obrigado!

Referências Bibliográficas

- 1] BORGES, Jorge Luis. Kafka e seus precursores [1951]. Trad. Sérgio Molina. In: _____. *Obras completas II*. São Paulo: Globo, 1999. p. 96-98.
- 2] LIMA, Luiz Costa. Clarice Lispector e o complexo de vira-lata. *Sibila – cultura e poesia*, 23 out. 2009. Disponível em < <http://www.sibila.com.br/index.php/critica/830-clarice-lispector-e-o-complexo-de-vira-lata> >, acesso em 5 abr. 2011.

- 3] MAIR, Paulo. Complexo de vira-lara 3, 4, 5... Não tem fim... *Boca no trombone*, 21 set. 2010, 16h52. Disponível em < <http://colunistas.ig.com.br/bocanotrombone/2010/09/21/complexo-de-vira-lara-3-4-5-nao-tem-fim/> >, acesso em 28 de junho de 2011.
- 4] NEJAR, Carlos. *História da literatura brasileira: da Carta de Caminha aos contemporâneos*. São Paulo: Leya, 2011. 1104 p.
- 5] PERRONE-MOISÉS, Leyla. Literatura comparada, intertexto e antopofagia [1982]. In: _____. *Flores da escrivania*. 2. reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 91-99.
- 6] RODRIGUES, Nelson. Complexo de vira-latas [1958]. In: _____. *À sombra das chuteiras imortais*. Seleção e notas Ruy Castro. 3. reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 61-63.
- 7] STADEN, Hans. *Duas viagens ao Brasil: primeiros registros sobre o Brasil*. Introdução Eduardo Bueno. Trad. Angel Bojadsen. Porto Alegre: L&PM, 2008. 182 p.

iAutor(es)

Rauer Ribeiro RODRIGUES, Dr.

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)
Mestrado em Letras (Câmpus de Três Lagoas)
rauer.rauer@uol.com.br

- ii Além de Rodrigues ([1958] 1993), ver, a propósito do Complexo de Vira-Latas:
http://pt.wikipedia.org/wiki/Complexo_de_vira-lata, <http://veja.abril.com.br/blog/todoprosa/vida-literaria/literatura-brasileira-e-o-complexo-de-vira-lata/>,
e
<http://correiodobrasil.com.br/complexo-de-vira-latas-domina-nossa-midia/227431/>;
sobre o Sentimento de Pangaré, às vezes também nomeado como Complexo, ver:
<http://www.perkons.com/index.php?page=noticias&sub=ultimas-noticias&subid=7807&pagina=6>;
sobre o descaso do brasileiro consigo mesmo, ver:
<https://causasonorablog.wordpress.com/author/luizrizzo1/page/10/>.
A escolha desses textos, de caráter jornalístico, acessados todos entre fevereiro e julho de 2011, é proposital, dado que refletem, à perfeição, o senso comum cultural.
- iii A terminologia que divide os autores em inventores e mestres, e ainda em diluidores, bons escritores sem qualidades salientes, beletristas ou lançadores de moda, é de Ezra Pound, no Capítulo IV do seu *ABC of reading* (trad. por Augusto de Campos e José Paulo Paes como *ABC da literatura*).
- iv O título original da obra, em tradução (STADEN [1557] 2008, p. 15), é o seguinte: *HISTÓRIA VERÍDICA e descrição de uma terra de selvagens, nus e cruéis comedores de seres humanos, situada no Novo Mundo da América, desconhecida antes e depois de Jesus Cristo nas terras de Hessen até os dois últimos anos, visto que Hans Staden, de Homberg, em Hessen, a conheceu por experiência própria, e que agora traz a público com esta impressão*. Os substantivos e adjetivos do título expressam a visão de mundo que seria cristalizada na Europa quanto aos autóctones americanos.
- v Saltar os arcades mineiros é quase crime de lesa-majestade, mas passe, aqui, pela sequência do argumento e pela brevidade necessariamente imposta às intervenções nos simpósios do evento.
- vi Scliar, magnífico, encerra o assunto com artigo disponível em http://www.digestivocultural.com/ensaios/ensaio.asp?codigo=310&titulo=Um_estranho_incidente_literario, acesso em 31 maio 2011.
- vii Mantive o tom coloquial da comunicação pronunciada na Abralic, uma vez que o ensaio tem caráter de abertura de diálogo, de proposição incompleta, de início de um estudo, de prefácio de uma visão de mundo e da literatura brasileira que aspira a complementos.